CONHECIMENTOS UTEIS.

NAVEGAÇÃO DO TEJO.

293 Um dos pontos mais importantes hoje para a civilisação do nosso povo, mais vantajoso para o commercio interno e externo, e consequentemente mais util para a prosperidade do paiz, é sem contradicção a navegação do Tejo desde a foz até á raia d'Hispanha, e melhor ainda pelo interior d'este paiz quanto se possa remontar. É uma asserção que ninguem ousará combater; a certeza d'ella está na convicção de todo o Portugal, e ninguem deixaria de se mover quando se agitasse este ponto, se aqui se possuissem bem os povos, ou acabassem d'intender, o que são e o que podem os melhoramentos materiaes n'um paiz.

O Sr. Ayres de Sá Nogueira tem a gloria de ter dado impulso a ésta idéa gigantesca. Em consequencia de propostas suas foi ésta empreza posta a concurso, e elle o unico concorrente. Tendo-se demorado qualquer resolução sôbre este negocio, mais do que devêra, o Sr. Bermudez de Castro, na qualidade de agente de uma companhia hispanhola, apresentou novas propostas; em consequencia do que se abriu novo concurso em que mais ninguem tomou parte senão as duas emprezas rivaes. Fechado o concurso, teem sido taes as delongas que ainda hoje existem as coisas quasi como antes de se ter fallado n'este assumpto.

Não é para agora discutir as duas propostas; saber em que ellas se separavam, e qual a somma das vantagens relativas. Bastante se tem escripto ja sôbre isto; e não tenho eu sido dos que menos se teem occupado d'este assumpto, desde que sôbre elle escrevi o artigo n.° 2.659 que se lê no 3.° volume da Revista. Para chegar ao meu fim direi unicamente, que todas as vantagens offerecidas em ultima instancia pela proposta portugueza, pareceram talvez compensadas pela unica circumstancia da proposta hispanhola não exigir annuidade nenhuma do Thesoiro, em quanto que a portugueza pedia 24 contos de réis. Como quer que fosse, parece que ésta empreza tem estado a ponto de ser concedida á proposta Bermudez, ou se lhe daria effectivamente no caso d'ella podêr satisfazer á garantia que lhe era exigida; o que, segundo se diz, não póde virificar: em quanto que a proposta portugueza offerece uma fiança plenamente satisfatoria pelo seu fundo ás exigencias do govêrno.

Sou hoje assim explicito n'este negocio, porque elle ja não é, nem convem que seja, segredo para ninguem. Transcreverei o que a este respeito se le n'uma folha hispanhola, que não deve ser suspeita, tractando d'este objecto, é o *Clamor publico* de 8 do corrente. Diz elle:

« O importante projecto da navegação do Tejo não será approvado pelo govêrno portuguez, porque, segundo consta, não póde o Sr. Bermudez de Castro, agente hispanhol, prestar as fianças que se lhe exigiam, para lhe ser confiada essa empreza, que reclama garantias para a execução do contracto. D'aqui se póde suppor que as concessões requeridas pelo Sr. Bermudez de Castro eram mera especulação de uma companhia anonyma, que, sem ter os capitaes necessarios, procurava conseguir um privilegio para o vender depois nos mercados extrangeiros, obtendo d'esta fórma grandes lucros.

Este acontecimento é por certo mui lamentavel, por quanto ninguem desconhece as vantagens que poderiam resultar para os dous paizes do importante e vastissimo projecto da canalisação do Tejo, e da sua navegação desde Lisboa até Aranjuez. Infelizmente cahiu este negocio em más mãos.....

Isto muito nos penaliza pelo grande prejuizo que resulta aos dous paizes da falta de realização de uma obra verdadeiramente nacional para ambos. Esperâmos todavia que a companhia portugueza, que contracta esta empreza (e que offerece as necessarias garantias segundo nos consta), terá o exito que merece.

Parece-nos porém poder asseverar, e o fazemos com o maior interesse, que não acontecerá o mesmo a respeito do caminho de ferro, cujas propostas foram appresentadas ao governo pelo general Bacon, agente da companhia Anglo-Lusa, que obterá sem duvida o privilegio para a sua construcção, se o governo andar n'este negocio de boa fé, e relaxar algumas das condições exorbitantes que publicou no 'Diario' Official de 20 de outubro, quando mandou abrir o concurso..... »

No estado em que está este negocio ja se vê que a demora d'uma resolução, sobrestar n'um alvitre para conseguir afinal a realisação d'elle, não póde deixar de attrahir exprobrações a quem d'isso for causa. As coisas se terem passado, como parece, ou como se deprehende do artigo do jornal hispanhol que se acaba de ler, o govêrno merece até certo ponto elogio pela prudencia com que se houve por esse lado; mas por outra parte mostrou que as suas attenções se empregaram quasi exclusivamente para esse mesmo lado, ao passo que, apezar de concursos e vantagens *reaes* da proposta portugueza, ésta não tem sido devidamente considerada.

A mim não me parece haver fundamento razoavel para se não tomar uma resolução definitiva sôbre este objecto. A publicidade é um grandissimo meio de acertar nas coisas de interesse público. A proposta portugueza, que tem o grande direito da prioridade, que tem a vantagem de haver apparecido em dois concursos, e ter posto, apesar de tudo, quasi que fóra do combate a proposta hispanhola, nenhum prejuizo póde sentir da publicação das suas últimas condições: e o govêrno, se éstas cabalmente ainda o não satisfazem, deve pedir-lhe outras; — mas ja: tractar d'este objecto, acto contínuo. Entre a precipitação e a irresolução, está o judicioso equilibrio de—pensar e obrar.

Fallo segundo a marcha mais ou menos ostensiva que me parece ter descoberto n'este negocio. Nem estou, nem posso, nem quero, ser informado do que não deve ser sabido pelo commum das pessoas que se interessam n'uma resolução, qualquer que ella seja, que nos possa dar a navegação do Tejo, harmonizando as incalculaveis vantagens publicas d'ella resultantes com a maior somma de conveniencias internacionaes. As coisas julgam-se pelos factos: so esses me importam; e o facto que hoje dá occasião ás minhas reflexões é — a *demora* d'essa resolução, que todo o paiz decerto deseja ardentemente: o que incidentemente se disse sôbre a proposta hispanhola está ligado com essa demora; fóra d'aqui nem siquer sei o grau de verda-

de em que se podem ter as asserções do jornal hispanhol.

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA.

294 Sr. Redactor. — Julguei util a abertura da aula de pharmacia na eschola medico-cirurgica, e annunciei-a aos pharmaceuticos, a quem mais directamente diz respeito. Hoje porém traçando a historia do horto-botanico da mesma eschola levo em mira, não so assignalar a sua existencia mas tambem o procurar que todos o visitem, contemplem e desfructem, n'esse pouco tempo, talvez, que lhe resta d'existencia. Parecerá impossivel que um estabelecimento tam necessario á eschola, tam util á humanidade inferma, e de tanta gloria para a nação, seja abandonado tam barbaramente... O facto porém parece ir realizar-se; e para que, ao menos, a morte de um tam util estabelecimento seja por todos justamente lamentada, pedimos-lhe que o visitem, em quanto o anjo-extreminador não manda ás novecentas e trinta e tres especies que alli se admiram, que se confundam com a terra e deixem de existir! — Lisboa, 17 de novembro — Sou etc. — *João José de Sousa Telles.*

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA.

Quanto é agradavel o sereno alvorecer de uma manhan de primavera n'este nosso Portugal. As nuvens densas do inverno, que se rolam sobre nossas cabeças nos dias sombrios da estação triste, promettendo á terra copiosas chuvas, ja tem desapparecido; os raios que se inflammam em seu seio, não enchem de pavor as gentes; nem se ouve o assustador estampido do trovão repercutindo-se pelo escalvado dos montes e profundesa dos bosques.

A natureza toda reveste as gallas, que um inverno desabrido lhe tinha roubado, e começa de novo a ostentar sua perdida belleza. Vós que tantos momentos tendes consagrado ao estudo das suas maravilhas, vindes hoje aqui para desfructardes os atractivos e incantos que vos subministrará o nosso pequeno horto-botanico.

É sem duvida a sciencia dos vegetaes a que mais claramente nos manifesta a grande obra da creação, tão magestosamente realisada n'estes seres a quem so falta a sensibilidade, que alguem lhe tem querido attribuir, para com justiça se collocarem a par do homem, disputando-lhe bastantes vezes a primazia. Comparai este ramo d'estudos com todos os outros a que o homem se applica, e dizei-me se algum reune tantas bellezas e tanta utilidade. O Creador, que na formação do Universo tanto patenteou sua grandesa, parece que reservou para o terceiro dia a mais sublime continuação de graças que se podem imaginar, e os mais portentosos segredos da vida organica. A sua voz foi então mais maviosa, a sua vontade so influida pelo amor poderia dar á terra um tão variado e primoroso ornamento.

Desde o lichen mais humilde, que passa a vida parasitando sobre entes mais vigorosos que lhe elaboram os succos de que nutrir-se, até á soberba adonsonia-digitata, que altiva se ergue sobre todos os seres vegetaes, que variedade de structuras, que complexidade de funcções, que belleza de côres e suavidade de fructos!

O homem n'este reino da natureza acha o alimento para a sua fome, o vestido para a nudez, o remedio para as infermidades, a recreação e deleite dos sentidos, e até o meio efficaz de reprimir a furia dos proprios elementos.

Dizei á Hollanda que córte a sua arundo-arenario; á America que destrua a sua canna-do-assucar; á França as bettarabas; á Inglaterra as batatas; e aos povos do Norte o desprezivel musgo. Estes paizes ficariam pobres sem esses vegetaes, sem amigos, sem thesouros, que para tanto elles lhes prestam.

E a medicina, essa sciencia que dilata seu dominio por toda a natureza, que sonda os astros para conhecer a sua influencia no organismo, que participa da mineralogia algumas descobertas, que estuda na phisiologia o organismo do homem, que investiga o campo zoologico e da chimica, onde tantas coisas tem aproveitado: a medicina, que so tem em mira diminuir as dores, os padecimentos, as afflicções, dando-nos uma existencia feliz; que utilissimos resultados não tira da applicação das plantas! As raizes, ainda as mais grosseiras, os caules, as folhas, as flores, as sementes, os proprios succos, tudo se aproveita n'estes seres tão riccos e tão prestadios; a propria casca, que os abriga do frio do inverno, se lhes rouba, condemnande-os assim a uma morte prematura. Arrancâmos-lhe as flores que os adornam; os mesmos filhinhos que nascem ao pé de seus paes são por nós separados por degredos eternos, como meio de dar a climas bem diversas vegetações exoticas!

Que falta não sentiria a therapeutica se do *papaver somniforum* não colhesse o opio? Se as habitantes do Peru, as proveitosas *chinchonas*, ultrajadas de tantas offensas, não quizessem fornecer-nos suas cascas tão medicinaes e tão uteis?

É dos vegetaes que a medicina extrahe quasi todo o seu podèr. N'elles se incontra o alimento, o veneno, e o medicamento. A botanica é pois uma sciencia tão indispensavel ao medico como ao botanico é indispensavel o conhecimento prático d'estes seres tão multiplicados.

Parece-me que descubro em vós alguma admiração. Talvez extranheis as minhas considerações sobre uma sciencia que amo, ou ignorais acaso a existencia d'este horto-botanico de que fallo? Poderá ser. Em o nosso Portugal ignora-se muita cousa digna de saber-se: idéas mais luminosas, porém menos uteis, occupam quasi todos os espiritos, e a sciencia abandona-se bastantes vezes ao desdem. Tendes ja ouvido fallar do jardim d'Ajuda; talvez visitasseis o de Coimbra, e será ésta a primeira vez que saibais existir mais um jardim de plantas. É elle cumprimento de uma lei sabia, e resultado dos esforços de um lente verdadeiramente portuguez, e presador das sciencias patrias.

Deixemos ao lado direito a fachada do hospital, monumento da philantropia dos nossos reis, subamos os dezenove degraus que nos ficam em frente, fasendo symetria com o muro que divide o pateo d'entrada a que chamam *pateo das arvores*, da calçada do *Soccorro*. Estamos considerando pelo lado direito as ruinas do templo, produzidas pelo terramoto de 1755: era elle magnifico, construido todo de marmore e matizado de mozaico. Este pequeno muro que vedes do lado esquerdo devia servir de balliza ao jardim botanico que havia de crear-se em virtude da lei de

1836. Este terreno porém era improprio para um viveiro de plantas.

Sabeis perfeitamente a necessidade que ha de attender a muitas circumstancias, quando se pertendem reunir n'um pequeno espaço seres tão differentes come os que se devem incontrar n'um jardim d'estudo. Não so se carece de terreno variado e similhante ao que a planta conhece, mas tambem uma determinada posição. O homem do norte e e homem do sul, teem precisões diversas, e um organismo modificado pela influencia do clima que o viu nascer: as plantas são tão delicadas como nós, ou ainda mais, porque aos proprios involucros não accrescentam outros que a industria nos depara para nosso abrigo.

É por isso que nos jardins nem todas querem um logar quente, nem todas um logar frio. Se umas consommem porções immensas d'agua, chegando a murchar e quasi a morrer quando a não tem, como acontece aos milindres dos floristas; outras ostentam uma vegetação pomposa sobre um terreno sêcco e areiento; e quantas offendidas da grosseira influencia do ar que respirâmos se doem e sensibilisam a ponto de necessitarem um abrigo? Ser jardineiro é agradavel mas é trabalhoso.

Deixemos este terreno mal cultivado, e dirijamos nossos passos pela lameda que nos fica em frente. Veremos do lado esquerdo um formoso tapete de baunilha que encobre o muro que corre parallelo á igreja, por todos conhecida com o humiliante titulo de igreja-velha-do-hospital; prolonga-se ainda com as infermarias, e vai terminar-se ao longe em uma porta de ferro.

Quanto são bellas éstas arvores que estendem seus ramos por cima das nossas cabeças! Figuram n'este congresso vejetal o espinheiro do norte *Glidits chiatriachanta* de Linneu; a linda *Broussonetia-papirifera;* a Olaia frondosa; e sôbre tudo os dois corpulentos alamos, *populus niger*, *populus alba*, *de Linneu*. Seus cumes vão perder-se nas nuvens, mais de sessenta pés acima do terreno que nutre a sua raiz. Vendo estes entes, que se esquecem da terra para se elevarem ao ceu, lembram-me esses homens que desprezando o que ha de mais caro e deleitavel, se dedicam so ao augmento das sciencias e ao bem dos seus similhantes: é do número d'estes o director do nosso horto-botanico. Ja tereis ouvido fallar do Dr. Gomes de Lisboa, como lhe chamam os francezes; sabeis que foi o descubridor do cinchonino, que a França tão adiantada em chimica não tinha podido obter: perguntai aos francezes quem elle era; o professor Merat foi o traductor das suas obras. Foi o nosso Dr. Gomes que lembrou á França um remedio de que tanto se tem approveitado — o principio tenifugo da romeira. Esse homem ja morreu; porém testou á patria com seus serviços um nome illustre, e um filho que com a sciencia do pai lhe herdou o nome.

Foi o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes que creou, dirigiu, auxiliou, e com todos os esforços deffende o nosso horto-botanico. Distrahido por mil occupações para que o habilita a sua sciencia, e a que o chama o Govêrno e um grande número d'infermos, nem assim se esquece do seu horto: nós é que esqueciamos advertir o logar em que estamos. Ja attravessámos um pequeno declive, deixando á esquerda o hospicio do Amparo, e estamos no pateo das aulas. Tendes em frente o nosso horto-botanico que entesta com o pateo, limitado lateralmente pelo muro que o separa da rua da Inveja, e pela horta do Hospital: e lá onde vedes a estufa separa-o um muro da parte da quinta que lhe fazia continuação.

Chegámos comeffeito ao nosso destino; mas sinto dizer-vos, que vos acontecerá como a Moises: a nossa lentidão impede-nos de visitar-mos hoje as plantas. Uma sineta me chama a uma aula para onde vou.

Cedo nos encontraremos.

Continúa. *João José de Sousa Telles.*

ORIGEM E HISTORIA DA CONTRIBUIÇÃO DE REPARTIÇÃO EM FRANÇA. (*)

295 Passam-se dez annos em que confesso não tenho documentos para seguir o fio d'ésta historia. Ésta falta comtudo não está no caso de nos contrariar muito porque é de 1820 a 1830, em que a politica prevaleceu mais na tribuna do que os interesses economicos, ao que ha que accrescentar, que tendo elles florecido muito apesar do regimen reactivo, poderam-se melhor supportar os erros financeiros dos annos anteriores. Em 1789 tinha a receita publica sido de frs. 531.444.000 em 1802 de frs. 589.500,000 em 1810 de frs. 785,000,442 em 1820 de frs. 875,542,252; mas em 1830 foi ja de 981,510,000, e subiu em 1831 a frs. 1,220,886,300.

É n'este ultimo porem que temos um documento, que amplamente nos indemnisa do eclipse que soffremos no decennio quo tenho de passar em claro n'estes apontamentos. O documento é um relatorio do patriarcha dos banqueiros, J. Laffitte, sendo ministro depois da revolução dos tres gloriosos dias de julho, dias que não so marcam epocha para os destinos da França, mas para a Inglaterra, para a Belgica, para a Hispanha, e finalmente para Portugal, que desde esses tres dias é que principiou a ver no horisonte o dia do seu resgate.

Foi este documento apresentado em sessão de 15 de novembro de 1830 na camara dos deputados, e pódese vêr na 2.ª sessão de 1830. 2. p. 448, das actas francezas que estão na bibliotheca das nossas côrtes em San'Bento.

Por elle se conhece que o ministro buscava de converter a contribuição pessoal e movel, e a contribuição das portas e janellas, de imposto de repartição, em imposto de quota. Tambem se vê que as bases que serviam, ainda eram as mesmas que tinham servido em 1791. Mas como a industria do homom, ou a justiça varía, o departamento do Baixo-Rheno que é ricco, estava pagando por cabeça 94 centimos, emquanto o de Loirel que é pobre, pagava 187 centimos. Em outros departamentos havia 1 contribuinte sôbre 4, 9, e 8 que pagavam. E n'outros reduziam os 3 dias de trabalho. Havia uma quarta parte das portas e janellas que não pagavam, e n'outras partes se pagavam eram so por conta e não a totalidade. Em 1823 o valor locatorio; e os alugueis das casas, montavam a 300 milhões, e em 1829 tinham subido a 384 ditos: entretanto nenhum augmento d'ahi provinha para o fisco. Este deffeito devia fazer preferivel, dizia o orador, a quota tanto mais que so cada 15 ou 20 annos se podiam reformar os quadros da repartição, dentro cujo espaço podiam haver alternativas de paz e guerra, vicissitudes que al-

(*) Continuado de pag. 221.

teram muito os valores. Em fim, continuava o ministro no seu relatorio, — tous les progrès faits dans la science du revenû public portent à préférer l'impôt de quotitè à l'impôt de répartition. A quota vai de seu naturalmente, e a repartição offerece uma difficuldade insuperavel para se augmentar, uma vez estabelecida. Tendo sido deixado ao arbitrio das cidades, trocarem a sua contribuição pessoal—e mobilière—pelos impostos indirectos (*octrois*) 21 d'ellas assim o tinham feito, aproveitando-se d'essa faculdade, entrando ahi París com 2 terços da sua totalidade. A constituinte tinha estabelecido 50 cent. e 150 ditos por dia para a taxa pessoal, mas um terço escapava ao fisco e outro tanto succedia ás portas e janellas, para as quaes ainda as ordenanças de 1798 regiam, posto que então houvesse 20 milhões de *abertos*, quer dizer portas e janellas (ouvertures) e em 1822 houvesse 34 milhões.

Tendo o projecto de lei de Mr. Laffitte sido remettido para a commissão, temos 4,1830,4 das actas francezas, o voto d'ésta, no qual se faz echo á preferencia da quota contra a repartição nos impostos. Ainda se lhe accrescentou que ésta preferencia tinha ja o assenso de muita gente. A medida da repartição que fôra uma imposição do povo conquistador sôbre o povo conquistado (pais d'élection contra pais d'etats) e que ja em 1819 a tinham querido abulir. Para a sua confecção eram precisos 230,000 repartidores todos os annos, quando a quota so exigia 700 fiscaes (contrôleurs). Todas as commissões da camara optaram pela mudança e posta a votos a proposta, foi ella vencida por 210 votos a favor contra 101 dissidentes.

Feita a modificação em todos os ramos da contribuição, menos na *foncière*, correram as coisas sem novidade que se possa collegir dos fastos parlamentares francezes até 1841; vem porem este anno, e querendo Mr. Humann, ministro assás rijo, corrigir os abusos que n'ella estavam de contínuo brotando, e que nunca cessaram desde a sua promulgação em 90, eis que Paris, Toulouse, Strasbourg, Tours, Dijon, Aix, Marselha, entram a mandar as suas remonstrações para a secretaria da fazenda contra os aggravos, prepotencias, vexames, oppressão etc. que a administração lhes queria impôr, Toulosa ate procede a vias de facto, toda a França toma o alarma: convocam-se as camaras e ahi em 21 de janeiro de 1842, fazendo o ministro increpado a sua exposição declara, que a corrupção que se commettia n'este imposto era tal, que em 1820 as auctoridades locaes deram para toda a França 150 milhões, e mandando revisar os arrolamentos Mr. de Villele, pelos agentes das contribuições, achára mais de 300 milhões. Elle Humann tambem achára em 37,249 communes, que tinham sido agora recusadas, 541,232 propriedades urbanas que nada pagavam, recaindo o prejuizo d'essa ommissão em 416.666 contra o Estado, e em 124.566 contra as *communes*, perdendo á sua parte o thesouro 36 milhões annuaes na subrepção que praticavam em seu prejuizo. Haviam, diz o mesmo ministro, contribuintes que deveram pagar como 10 e que não pagavam mais de 3 e mesmo 2.

As alterações do paiz por ésta causa do imposto tinham abalado o ministerio, e sentiu-se tanto a saude do ministro respectivo que d'ahi a pouco morreu.

Em um paiz, tão fortemente constituido como a França, é preciso que o ressentimento tivesse chegado a um auge extraordinario para em materia alguma que não toque em politica, ter havido um choque tal como produziu a reforma que elle quiz levar a effeito; e este choque é natural que tenha reflectido profundamente sôbre a sua pessoa e por isso d'ahi rezultasse o seu falecimento. É para assim se pensar, pois que seis mezes a fio, confessado por elle em parlamento, soffreu as maiores inquietações por causa das investidas que de toda a parte lhe faziam por elle pugnar pelos interesses do thesouro-publico.

A M. Humann succedeu M. Lacave Laplagne, que em 1843 introduziu na camara novo projecto mais em harmonia com o commercio e industria vigente, e se não reformou de todo a legislação de repartição é que não era possivel ja alterar-la sem eminente perigo, attendendo á sua antiguidade.

Mas o mal reverdece sempre, porque ahi está em 1845, este anno, que um dos jornaes mais acreditados de Paris não hesitou em exprobrar este ministro por ter promettido desde a sua entrada no ministerio um projecto de lei sôbre o cadastro, e não ter cumprido com a sua palavra. Devia elle ser — pour la perequation de l'impôt dont la répartition se fait actuellement d'une manière inique pour un grand nombre de departemens.

Aqui acaba a origem e historia da contribuicão de repartição em França, nem podia deixar de acabar porque está deduzida até este anno. Havia em seguimento a fazer igual trabalho para o *land tay* de Inglaterra, e tambem da nossa decima. Quem quizesse fazer mais comprehensiva a indagação, podia deitar as suas vistas igualmente a mais alguns paizes. Feito isto não seria inutil ver o rendimento particular das nações *scilicet* da França e Inglaterra, approximar o nosso, mesmo hypotheticamente, ver se este progredia e quanto. Depois sôbre todos estes dados, avaliar então a conveniencia dos tributos ou pela fórma directa ou indirecta. Os dois systemas agitam muito a *eschola* n'este momento. Digo mui de proposito a eschola, porque fóra d'ella não se póde praticar a exclusão, sem lesão ao thesouro, ou aos particulares.

A fazenda é a corda vibrante de Portugal. Por ésta razão demanda estudos profundos, que descubram os seus males, que não estão onde os poem. Ahi veem-se so os effeitos, mas não as causas. O paiz não o fazem produzir o que deve. Eu não me faço cargo da gerencia do thesouro. Esse é caso á parte. Mas ninguem se illuda, e nem porque o digo, vão torcer-lhe o sentido; nós não gastâmos bastante, para o que temos é de mais, mas isso que temos não chega para nada. Nós precisavamos de gastar pelo menos 1:000 contos em instrucção pública, e nós gastaremos talvez 100 ou 150. Todas as repartições do Estado são mal pagas. Póde-se apontar o empregado publico que tenha a educação necessaria para o seu officio, segundo ella se intende onde ha regularidade, e tudo isto é porque a retribuição é pequena. Esta nação, porque lhe falta o que lhe é justamente necessario, ainda vem a gastar muito consideravelmente menos do que parece e do que despende o contribuinte. Anda sempre o Estado n'uma serie de antecipações em que lhe sacrifica tudo, e não nos seus proprios gastos. Torno a repetir, eu nada tenho com a administração, se boa se ma. Fallo so das consequencias de um orçamento insufficiente, e que se apresenta com um de-

ficit permanente. Este deficit importa sempre mais do que apparenta. A receita realisa-se tarde, primeiro desfalque; precisa realisar-se logo, segundo desfalque. Todo o orçamento precisa ter um saldo não so positivo, mas disponivel. E isto é o que não tem nunca o nosso. O thesouro deve ter sempre a sua receita adiantada á sua despeza, e não como agora succede que é a sua e nossa morte.

A Belgica tem $\frac{7}{13}$ do nosso territorio, tem $\frac{1}{3}$ mais de população, e paga com menos pêso 16,000 contos do que nós pagâmos 10,000. Produz mais, e por isso tem mais riqueza, d'onde essa facilidade que se lhe precisa. A tarefa é longa. Eu poderia talvez ministrar alguns apontamentos para quem se quizesse dedicar ao seu desinvolvimento; mas eu por mim não me atrevo por emquanto a tocar-lhe porque não quero controversias, nem gerar odios.

Cada um tem sua crença ou pretenções. No meu conceito o *isomorfismo* em tributos, é um principio mais que problematico porque cada nação tem a sua capabilidade tributiva á parte, dependente da sua constituição politica. Essencialmente ésta. Eu não ignoro a existencia do *land tay*, podia fazer a sua historia. Quizeram n'outro tempo dizer que a esse imposto devia a Inglaterra a prosperidade da sua agricultura, agora dizem tudo em contrario e que se não fosse o privilegio da sua *nominalidade* por fraco, e a sua irrevogabilidade, ella não estaria no atrazo em que está relativamente á mais industria da nação. Este direito alli é ainda um dos *banais*, ligado ou aparentado ao tempo do feudalismo. Avulta a dois por cento sôbre a receita. Este rateio em comparação da repartição *foncière* que sobe a 33 por cento bem se vê que não dá logar a argumento nenhum de paridade. A *land tay* está na razão dos reditos annuaes inglezes como de 1 para 600. A *foncière* como de 1 para 33.

Eu disse que a constituição politica do paiz precedia á constituição dos seus impostos. Assim deve ser sem nenhuma duvida. A manutenção do Estado deve ser subordinada á existencia do individuo n'esse Estado: boa duvida! O inglez está prompto a manter o thesouro, mas quer a terra para seu luxo. E é a infatuada *bourgeoisie* que mais quer isto. Ainda agora o *Rail-King* (rei dos caminhos de ferro) Hudson, comprou um estado ao duque de Devonshire por £ 400,000, quatro milhões de crusados, para la se refocilar, porque elle podia ganhar com este dinheiro umas poucas de vezes mais em qualquer outro emprego do que n'aquelle. Ja o francez é o inverso de tudo isto. A terra para elle é uma escrava, e não está senão na mão de escravos, porque a pobreza é a maior das escravidões. Toda ella está empenhada pela sua grande subdivisão que ja dá serios cuidados aos proprios apologistas do systema. A enchada, vai, por annos, fazer as vezes do arado, em toda a França.

Eu poderia entrar no merecimento de um e outro dos principios, da contribuição de repartição ou de quota — quanto á sua conveniencia; mas temo a polemica que é esteril para materias de facto, que d'ahi se póde originar. Se os tempos corressem mais placidos, era assumpto serio, ver se Portugal ao desabrochar da sua agricultura, ainda sem nenhumas bemfeitorias de costa de mar, rios, dunas de arêa interiores, com as suas charnecas de dias inteiros de jornada, por agricultar, podia ja fixar o seu imposto territorial. Se os melhoramentos estivessem ja em progresso, a desvantagem para o thesouro sería menor. Assim, pouco sensiveis como são os nossos augmentos, e as precisões constantes, o thesouro não poderá deixar de ser passivel de um prejuizo attendivel.

A França o que não acha n'uma parte acha o na outra. Cruel havia de ser de outra sorte a situação de todo o seu paiz vinhateiro que abrange 6,000,000 de habitantes. A riqueza geral vai sempre para cobrir faltas parciaes, ainda que tão consideravel como ésta; mas nós por ora, qual é a nossa situação?

A França põe de parte 2 % annuaes para augmento de capital — A Inglaterra talvez 10 %; mas nós?...

Um dia, se me for dado tempo, continuarei este assumpto com relação a Portugal.

C. A. da Costa.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXII.

Bilhete de manhan da prima ao primo. Inganam a pobre da velha. — Noite mal dormida. — Da conversa que teve Carlos com os seus botões. — A Joanninha que elle deixára e a Joanninha que achou. — Obrigações d'amor, triste palavra. — A mulher que elle amava, e se elle a amava ainda. — Quesitos do A. aos seus benevolos leitores. Declara que com os hypocritas não falla. — Quem hade levantar a primeira pedra? — Dous modos differentes de accudir uma coisa ao pensamento.

296 No dia seguinte, mal rompia a manhan, um paizano que dizia trazer communicações importantes para o commandante do pôsto avançado, foi conduzido á presença de Carlos e lhe intregou uma carta: era de Joanninha.

Fiel á sua promessa, ella não tinha ditto nada do incôntro e entrevista da véspera. A avó estava doente e afflicta: para a animar e consolar dera-lhe noticias do primo, como vindas por pessoa que o víra e estivera com elle. Que ficava mais contente e socegada: mas que aquelle estado de anciedade não podia prolongar-se. Que a saude da pobre velha declinava de dia a dia; que se lhe ia a vida, que era matá-la não lhe dizer a verdade... Joanninha concluia com mil affectos e saudades; e aprazava por fim o mesmo sitio da véspera para se tornarem a ver, e para concertarem o que haviam de fazer. Todas as precauções estavam tomadas, e o consentimento dado pelo commandante do pôsto contrário para haver toda a segurança n'aquella entrevista.

Carlos tinha velado toda a noite; uma excitação extraordinaria lhe amotinára o sangue, lhe desaffinára os nervos. Bem tinha desejado vir para aquelle pôsto, bem contava, bem esperava elle estando alli, saber de mais perto da sua fami-

lia, vel-os talvez, mais dia menos dia, incontrar-se com algum d'elles... e de todos elles, a innocente e graciosa criança com quem vivêra como irmão desde os seus primeiros annos, era quem elle mais esperava, mais desejava ver decerto.

Mas uma criança era a que elle tinha deixado, uma criança a brincar, a colhêr as boninas, e correr atraz das borboletas do valle... uma criança que sim o amava ternamente, cuja suave imagem o não tinha deixado nunca em sua longa peregrinação, cuja saudade o accompanhára sempre, de quem se não esquecêra um momento, nem nos mais alegres nem nos mais occupados, nem nos mais difficeis, nem nos mais perigosos da sua vida...

Mas era uma criança!.. era a imagem d'uma criança.

É certo, sim: e nas batalhas, em presença da morte... no longo cêrco do Porto entre os flagellos da cholera e da fome, nas horas de mais viva esperança, no descoroçoamento dos mais tristes dias, a doce imagem de Joanninha, d'aquella Joanninha com quem elle andava ao colo, que levantava em seus hombros para ella chegar aos ninhos dos passaros no verão, aos medronhos maduros no outomno, que elle suspendia nos braços para passar no hynverno as alagadiços do valle, — essa querida imagem não o abandonára nunca.

Nunca!.. nem quando as penn s d'amor, nem quando as suas glórias — mais esquecidiças ainda! — pareciam absorver-lhe todos os sentidos, e todo o sentimento de seu coração.

A saudade, a memoria de Joanninha, suavemente impressa no mais puro e no mais sancto de sua alma, resplandecia no meio de todas as sombras que lh'a obscurecessem, sobreluzia no meio de qualquer fogo que lh'a allumiasse.

Uma luz quieta, limpida, serena como a tocha na mão do anjo que ajoelha em innocencia e piedade deante do throno do Eterno!

Mas, no mesmo dia em que chegou ao valle, quasi na mesma hora, cheio d'aquella luz, mais viva e animada decerto pela proximidade do foco d'onde sahia... n'essa mesma hora, ir encontrar alli, n'aquella solidão, entre aquellas árvores, á tibia e seductora claridade do crepusculo... a quem, sancto Deus! Não ja a mesma Joanninha de ha tres annos, não a mesma imagem que elle trazia, como a levára, no coração; mas uma gentil e airosa donzella, uma mulher feita e perfeita, e que nada perdêra comtudo da graça, do incanto, do suave e delicioso perfume da innocencia infantil em que a deixára!

Não esperava, não estava preparado para a impressão que recebeu, foi uma surpreza, um choque, um reviramento confuso de todas as suas idêas e sentimentos.

Qual fosse porêm a precisa e verdadeira impressão que recebeu, nem a si proprio elle o podéra explicar: era de um genero novo, unico na historia de suas sensações: não a conhecia, extranhava-a, e quasi que tinha medo de a analysar.

Sería annúncio d'amor?

Mas elle tinha amado, amado muito e devéras... é cuidava amar ainda, e devia amar; por quanto ha sagrado e sancto nos deveres do coração, era obrigado a amar ainda.

Oh obrigações d'amor, obrigações d'amor! se vós não sois, se vós ja não sois senão obrigações!..

Não pensava Carlos, não o cria elle assim: leal e sincero tinha intregue o seu coração á mulher que o amava, que tantas provas lhe dera d'amor e devoção, que descançava em sua fé que não existia senão para elle: mulher môça, bella, cheia de prendas e de incantos, mulher de um espirito, de uma educação superior, que atravessára, desprezando-a, uma multidão de adoradores nobres, riccos, poderosos, para descer até elle, para se entregar ao foragido, pobre, extrangeiro, desprezado.

Quem era essa mulher?

Aonde, como obtivera elle a posse d'essa joia, d'esse talisman com o qual se tinha por tam seguro para não vêr na graciosa prima senão?..

Senão o quê?

A innocente criança que alli deixára?

Mas não é verdade isso: outra era a impressão que Joanninha lhe fizera, fosse ella qual fosse.

O que era então?

E sôbre tudo, quem era ess'outra mulher que elle amava?

E amava-a elle ainda?

Amava.

E Joanninha?

Joanninha era... nem eu sei o que lhe era Joanninha... o que lhe estava sendo n'aquelle momento.

O que lhe ella fôra, assas t'o tenho explicado, leitor amigo e benevolo: o que lhe ella será... Pódes tu, leitor candido e sincero, — aos hypocritas não fallo eu — pódes tu dizer-me o que hade ser ámanhan no teu coração a mulher que hoje somente achas bella, ou gentil ou interessante?

Pódes responder-me da parte que tomará ámanhan na tua existencia a imagem da donzella que hoje contemplas apenas com olhos de artista, e lhe estás notando, como em um gracioso quadro, os finos contornos, a pureza das linhas, a expressão verdadeira e animada?

E quando vier. se vier, esse fatal dia de ámanhan, responder-me-has tambem da parte que ficará tendo em tua alma ess'outra imagem que lá estava d'antes e que, ao reflexo d'esta agora, d'aqui vejo que vai impallidecendo, descórando... ja lhe não vejo senão os lineamentos vagos... ja é uma sombra do que foi... Ai! o que será ella ámanhan?

Leitor amigo e benevolo, caro leitor meu indulgente, não accuses, não julgues á pressa o meu pobre Carlos; e lembra-te d'aquella pedra que o Filho de Deus mandou levantar á primeira mão que se achasse innocente... A adultera foi-se em paz e ninguem a apedrejou.

Pois é verdade: Carlos tinha amado, amado muito, e amava ainda a mulher a quem promettêra, a quem estava resolvido a guardar fé. E essa mulher era bella, nobre, ricca, admirada, occupava uma alta posição no mundo... e tudo lhe sacrificára a elle exilado, desconhecido.

E Carlos estava certo que nenhuma mulher o havia d'amar como ella, que os longos e ondados anneis de loiro cendrado, que os languidos olhos de gazella, que o ar magestoso e altivo, que a tez d'uma alvura celeste, que o espirito, o talento, a delicadeza de Georgina... Chamava-se Georgina; e é tudo quanto por agora póde dizer-vos, ó curiosas leitoras, o discreto historiador d'este mui veridico successo: não lhe perguntéis mais por quem sois. Carlos estava certo, dizia eu, que todas essas perfeições, que o seu amor sem limites, que a sua confiança sem reserva, não podiam ter rival, nem a haviam de ter.

Mas aquelle beijo, aquelle abraço de Joanninha... oh! que lhe tinha elle feito? Como o sentíra elle? Como lhe guardára o seu talisman o coração e a alma?..

Não, Carlos estava certo de si, certo do seu antigo amor, lembrado de tudo o que lhe devia: e n'isso reflectiu toda aquella noite que se fôra em claro.

A imagem de Joanninha lá apparecia, de vez em quando, como um raio de luz transiente e magica, no meio d'ess'outras visões do passado que a reflexão lhe acordava. E essas era a reflexão que as acordava... aquella vinha espontanea, era repellida, e tornava, e tornava...

Ha sua notavel differença n'estes dois modos de accudir ao pensamento.

A manhan veio em fim; Carlos respirou o ar puro e vivo da madrugada, sentiu-se outro.

Quando chegou a carta de Joanninha, leu-a e reflectiu n'ella sem sobresalto. Certo e seguro de si, resolveu ir ao prazo dado para a tarde.

Continúa. *A. G.*

ROMANCES.

VIVER E PADECER.

(FRAGMENTO D'UM LIVRO INEDITO).

Que el poeta en su mision
Sobre la tierra que habita,
Es una planta maldita
Con frutos de bendicion.

I.

297 O mez d'agosto corria rapido e triste como o tempo que o precedêra; a ordem das estações parecia transtornada; este bello ceu, tão claro e tão puro, tão formoso nos tempos do verão e outono, estava carregado e sombrio; espessas nuvens o enluctavam, e em todo o dia nem um so raio de sol viera animar a natureza, sepultada em profundo lethargo. Seis horas bateram no rologio da cathedral; um espesso nevoeiro começava a descer sôbre a cidade; o vento sibilava tristemente, o torvão principiava a fazer-se ouvir la ao longe, e a igreja orava pelo repouso dos fieis, que haviam trocado este mundo de transição e dor pela eternidade dos seculos.

O largo da cathedral estava apinhado de gente que sahia e entrava para pagar aos que ja não existiam o tributo de algumas palavras pronunciadas com fervor, de algunsa suspiros soltados a custo do peito, de algumas lagrimas derramadas sôbre a sepultura, pela memoria saudosa de um pai, de um irmão, de um filho...

E o adro estava cheio de povo; porque n'aquelle tempo, era o anno de Christo 1578, ainda o povo ia ás igrejas para orar, e poucos portuguezes havia então que não tivessem por quem pedir ao Senhor das misericordias: o rei e o reino haviam trocado o gosar pacifico das riquezas ja adquiridas, pelo interesse de uma custosa expedição de alem mar: o rei e o reino haviam corrido a um duello de morte com os inimigos da fé, tinham ido buscar nos plainos d'Africa a gloria d'uma batalha pelejada pela christandade, ou a palma do martirio la no ceu.

E o povo andava triste e carregada, porque similhante ás aves que adivinham a tempestade, ideas de dor e angustia lhe haviam oprimido o pensamento, e com o murmurar da oração havia confundido idéas de lucto e tristeza; parecera-lhe ouvir o arrastar de grilhões de escravos, dobrar pela agonia d'uma nação que espira, parecera-lhe ouvir o estrondo d'edificios que dão em terra; e no meio de tudo isto, o rir satanico do vencedor afogando o gemer do vencido.

Anoitecêra depressa. A multidão havia-se retirado silenciosa, como se ainda mais lhe pesára o futuro mal agourado depois da oração: todos tomaram o caminho dos seus aposentos para la chorarem a sos as

saudades que lhes ralava a alma. O terreiro que se alargava em roda da cathedral ficou deserto, e tudo era silencio; so as folhas sêccas que o vento arrancava de algumas arvores que por alli cresciam revolvendo-se na poeira, pareciam tecer danças phantasticas, e articular vozes confusas.

A igreja tambem estava quasi deserta, e mal alumiada; apenas se viam dois vultos: estavam de joelhos, e certo que choravam porque mais d'uma vez soluços haviam cortado aquelle silencio, vago e mysterioso. Um d'elles levantou-se lentamente, atirou com algumas flores para cima da sepultura sôbre que estivera ajoelhado, e encaminhou-se para a porta da igreja. N'aquelle momento, o raio de luz d'uma lampada alumiou-lhe o rosto. — Era uma mulher, ... e como era formosa, vista assim á claridade incerta de uma lampada, quando as palavras da oração vinham ainda morrer-lhe nos labios, envolta n'aquella meia-escuridade, esbelta, palida, similhante a éssas apparições que a poezia colloca la no ceu do norte, para as involver nos seus nevoeiros! Estava toda vestida de preto, e a alvura e palidez d'aquelle rosto angelico contrastava com a vermelhidão das faces, causada pelo pranto. Tinha olhos pretos, e olhar não vivo nem penetrante, mas doce e mavioso, como o olhar de uma virgem. Tinha cabellos cor de ebano, e um manto em que levava involvida quasi toda a cabeça, e que lhe descia até para baixo da cintura, deixava apenas adivinhar fórmas delicadas e aerias. Ao prepassar juncto do outro vulto, cahiu-lhe das mãos um rozario: aquelle homem que la estava ajoelhado, com a fronte inclinada para terra, aquelle homem levantou a cabeça, encarou um instante a donzella, ... depois, ouviram-se dois gritos suffocados, dois gritos de espanto e dor; e o homem com os braços estendidos para o logar em que víra sumir-se o vulto nas trevas que reinavam no corpo da igreja, bradava com voz entrecortada:

— Visão celeste, porque desappareceste tão depressa!

Levantou o rozario que aquella mulher deixara cahir, e foi para o logar aonde estivera ajoelhada. Ao lançar os olhos sôbre a lapida sepulchral, suor frio lhe banhou o rosto, e cahiu involuntariamente dejoelhos; depois, com as mãos tremulas, apartou as flores que encobriam parte do letreiro da campa:

— Ah maldito tu sejas! maldito tu sejas! —bradou com voz phrenetica e os punhos cerrados.

— Meu irmão, o Senhor puniu o blasphemo, disse uma voz grave e pausada, e se padeces e és infeliz, chora e resa, porque o pranto e a oração sempre encontram acolhimento ante o throno do Senhor, e se o remorso do crime te opprime o coração, espera na misericordia divina, porque Jesu-Christo tambem perdou aos que o crucificaram.

Era um religioso quem pronunciava éstas palavras de resignação e verdade. Estava vestido com um hábito preto, as suas feições eram nobres, e lia-se-lhe no rosto aquella serenidade d'alma que dá a prática da virtude e a esperança das recompensas do Senhor. Os annos não haviam corrido sem deixarem o cunho da sua passagem n'aquelle homem da lei do Divino Mestre; tinha a cabeça quasi toda calva, e a barba branca alvejava-lhe sôbre as roupas pretas.

O homem que estava de joelhos encarou-o um momento, depois, seguindo o curso d'idêas que lhe opprimiam o pensamento, disse com som de voz magoada:

— Chora e reza, dizeis vós ahi!! Mas quando annos e annos tem passado lentos e carregados sôbre a vida atormentada de um homem, quando cada um d'esses annos lhe trouxe novos males, que lhe dilaceravam o coração e lhe faziam envelhecer de seculos o corpo e a alma, padre, quando á força de rezar os labios ja quasi que não acertam com as palavras da oração, e o pensamento não atina com idêas, n'esse momento, o Senhor que perdoou aos que o crucificaram, perdoará tambem ao blasphemo... Como eu tenho padecido! tive uma mocidade triste, porque a esperança me desamparou ao limiar da vida, de uma vida errante, e subjeita aos baldões da sorte; desterrado, perdido, so encontrei n'este mundo o gêlo da indifferença, e o silencio do sepulchro...

E os soluços cortavam-lhe a voz, e chorava.

— E que mal havia eu feito ao mundo para assim me repellir de si? Continuou elle. Era eu ainda bem moço, quando a minha má estrella quiz que eu deparasse com uma mulher... era tão linda e tão formosa, como uma inspiração do ceu; teve dó da minha tristeza, e em pouco tempo senti que me queria amar... no principio resisti, tive medo, bem sabia eu que aquella affeição, ainda tão innocente e meiga, podia envenenar-me o resto da existencia, e até matar-me; mas a virgem tão linda, e tão pura, chorou... e eu cahi-lhe aos pés... ah! então foi o unico momento feliz da minha existencia e começava a rir dos meus receios, quando derepente, sem eu saber porque, um homem surgiu do inferno, para perder-me a vida e a alma; quiz possuir aquella mulher, que eu amava como a luz do sol, tentei resistir, travou-se entre nós um combate de trance .... depois... perdi tudo, arrancaram-me aquella mulher que eu amava como se fôra uma obra d'anjos, lançaram-me para longes terras, disseram-me que fosse arrastar uma vida miseravel, ralada de saudades, que fosse morrer... que os deixasse gozar em paz da felicidade que me arrancaram; e ésta sociedade, pérfida e refalsada, riu da minha dor; e tu riste tambem, tu, dizia elle delirante, apontando para a sepultura, e com as feições contrahidas pela dor e pela desesperação.

E desfazia phreneticamente entre as mãos as flores que aquella mulher deitára sôbre a campa.

Era porventura a primeira vez que o religioso ouvia palavras tão tresloucadas, e em que as paixões do mundo vinham protestar contra a resignação da lei do Senhor; mas não estremecêra, nem se admirára, porque bem sabia elle que a razão martyrisada pela dor e padecer, vacilla e cede ao podèr das paixões, e que além d'isso u a alma, em que o arrependimento póde ter entrada, não é ainda uma alma perdida.

— Torna em ti, filho, disse-lhe com voz doce e commovida; o Altissimo nunca desamparou aquelles que invocaram a sua protecção; chora e reza, te digo, porque o pranto mitiga a dor que opprime o peito, e a oração elevando-se até ao throno do Senhor, alli implora por ti a paz do espirito.

Elle não respondeu, curvou a cabeça e orou em silencio, e apenas de quando em quando, a palavra perdão vinha morrer-lhe nos labios, como se fôra pronunciada com mais fervor.

O religioso ajoelhou.

E assim estiveram por largo espaço.

Levantaram-se ambos quasi ao mesmo tempo, e aquelle homem a quem a desventura parecia ter seguido do berço, lançou-se nos braços do religioso.

— Meu padre, dizia elle entre soluços, dai-me a vossa benção, e rogai por mim; se soubesseis como hei mister das vossas orações! Eu orei por todos.... até por elle, e apontava para a sepultura.

— A Deus, vêr-vos-hei ainda muitas vezes, resignai-vos com a lei do Senhor, e confiai na sua misericordia, porque nunca desampara os que a imploram.

E o religioso dirigiu-se para um dos lados da igreja, e o outro homem tomou o caminho da porta.

Ao sahir o ar frio da noite veio refrescar-lhe a fronte descoberta, o vento do norte afastára a tempestade, e a claridade baça da lua esclarecia a parte baixa da cidade, que ficava para a esquerda da cathedral.

Outro homem o esperava no adro da igreja, descobriu-se ao vêl-o saír, elle encostou-se-lhe ao homrbo, e sem proferirem uma palavra, tomaram a rua que ficava em frente da cathedral.

Continúa. *D.*

BIBLIOGRAPHIA.

TRADUCÇÃO D'HORACIO.

298 Vai publicar-se a traducção das Satyras e Epistolas de Quinto Horacio, Flavo acompanhada de notas e observações indispensaveis á intelligencia do texto.— por Antonio Luiz de Seabra, juiz da relação do Porto.

E'sta obra, que poderá servir de complemento á traducção do desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, formará dois volumes em 8.° de mais de 300 paginas cada um. Subscreve-se em Lisboa na loja da viuva Henriques, em Coimbra e Porto nas de M. Moré e Coutinho. — O preço de cada volume será 480 rs. pagos na entrega.

Ha muito que a traducção da parte, acaso mais difficil e mais importante das obras de Horacio, feita pelo Sr. Seabra era conhecida de muitos, que d'ella tinham visto alguns fragmentos. A reputação litteraria do traductor a tornava desejada de todos os cultores da poesia classica; tanto mais que ella vinha completar a versão de Ribeiro dos Santos, com a grande differença porém, que Ribeiro não nascêra poeta e a cada passo revela o trabalho que lhe custou o parece-lo, ao passo que o Sr. Seabra, inspirado por aquella imaginação brilhante que ajudada de uma razão profunda e de estudos longos e severos o tornou a glória da tribuna portugueza, soube elevar-se á altura do seu modêllo, e até considerada a desvantagem que leva a lingua portugueza á latina, dar relevo ás passagens poeticamente mais debeis, que não são raras em Horacio. Como prova daremos aqui um fragmento da epistola aos Pisões, que ha muito possuimos da lettra do Sr. Seabra. Porventura fará alguma differença da que elle hoje vai publicar; mas nem julgâmos que seja possivel ao illustre traductor melhora-la n'esta parte, nem nos parece que se lhe deva comparar nenhuma das diversas versões que ja existem da chamada arte poetica.

EPISTOLA AOS PISÕES (SOBRE A ARTE POETICA.)

Se humano rosto em collo de ginete,
De variegadas pennas revestido,
Pozesse algum pintor, e lhe ajunctasse
De um lado e de outro os necessarios membros;
De fórma que na frente linda moça
Feiamente acabasse em negro peixe:
Não ririeis ao ver tal quadro, amigos?
Crêde, Pisões, ser-lhe-ha mui parecido
O livro em que se tracem vans especies,
Como sonhos de inferno delirante;
Nem os pés, nem a frente ao todo ajustam:
De ousar quanto lhe apraz justa licença
Teve sempre o pintor, e sempre o vate:
Nem isto é novo: para nós pedimos,
E mutuamente venia concedemos,
Porém de geito, que jamais se enlace
Com o suave o rude, ou se emparelhem
Serpentes e aves, tigres e cordeiros.
A começos magnificos mil vezes
Se alinhavam de purpura remendados
Que ao longe brilham, como quando os meandros
Da agua que gira pelo ameno prado,
De Cinthia o bosque, as venerandas aras,
O Rheno, ou o varco pluvial, se pinta.
Era d'este logar improprio o quadro:
Um cypreste fingir talvez tu saibas!
Isso que val, se o que te ajusta, e paga,
Quer que o pintes, co'a nau rota, nadando,
Descor'çoado, naufrago, e perdido.
Talha bojuda a affeiçoar começas,
Porque sae, volteando a roda, um jarro?
Em fim, por encurtar, no que escreveres,
Deves em tudo ser conforme, e simples.
Mas nós outros, os vates, quasi sempre
(Pai, e mancebos de tal pai condignos)
Co'a apparencia do bem nos illudimos:
Se breve quero ser, torno-me escuro:
O que affecta brandura é frio, e froixo;
É tumido o que busca remontar-se;
E pelo chão serpêa o que temendo
Procellosa tormenta, é nimio cauto.
Quem seu assumpto prodigiosamente
Pretende variar, entre arvoredos
Golfinhos pinta, e javalis nas ondas.
Se a arte nos falta, de um defeito a fuga
Em vicio não menor nos precipita.
Esse artista, que móra á Emilia Eschola,
Exprimir-te-ha no bronze, ao vivo, as unhas,
E dos cabellos a molleza, o mimo:
Mas infeliz será no seu trabalho
Porque a unidade conseguir não sabe.
Se escrevesse, não mais assemelha-lo
Quizera, que ostentar nariz enorme
A par de negra coma, e negros olhos.
Vós outros, que escreveis, tomar assumpto
Igual ás forças, meditai de espaço
O pêso com que vossos hombros podem.
O que escolher proporcionado assumpto
Elegancia terá, clareza, e ordem.
D'esta ordem, se bem penso, a graça, a força,
Consiste em ir dizendo a tempo as cousas;
Umas ja, outras logo, e outras mais tarde;
E discernir, com delicado tacto,
O que cumpre empregar, ou pôr de parte.
Escasso, e parco em engendrar palavras,
Fallarás com primor, se remoçares
Com ingenhosa liga usado termo.
Se é preciso exprimir novas idéas,
Podes, com tento, excogitar palavras
Não ouvidas dos Cethegos cintados;
E credito terão se descenderem,
Não mui torcidas, da greciana fonte.
Que ha ahi que a Vario, ou a Marão deneguem
Romanos cidadãos, tendo-o outorgado
A Plauto, ou a Cecilio? E se poderam
Ennio, e Catão ornar o patrio idioma
Com termos novos, porque aciate, e inveja

Tenues acquisições tolher me intentam?
Sempre licito foi, e o será sempre
Novas moedas emittir cunhadas
Co' o público sinete. E como as selvas
Em cada anno espirante as folhas mudam,
E cahem primeiro as que primeiro nascem;
Assim os termos envelhecem, morrem,
E nascem outros, que floresçem, vingam,
Como gentiz mancebos. Nós, e o nosso
Devemo-nos á morte: pelas terras
Seja Neptuno recebido, e abrigue
Dos vendavaes, obra real, as frotas;
Lagoa, longo tempo esteril, e apta
So para o remo, sinta o ferreo arado,
E as cidades vizinhas alimente:
Mude o rio o seu curso, iniquo aos fructos,
Melhor caminho aprenda. Obras humanas!
Tudo perecerá. Nem da linguagem
Durará sempre acceita a mesma graça:
Renasceram mil decahidos termos,
E mil decahirão hoje applaudidos;
Se o uso quizer, de cujo arbitrio
O jus e a norma da linguagem pende.
Homero nos mostrou em que harmonia
Cumpre escrever os feitos signalados
De reis e capitães, e tristes guerras:
Primeiro mágoas, e depois folguedos
Em versos desiguaes foram cantados;
Mas quem os elegiacos exiguos
Inventára, os grammaticos debatem,
E pleito é que em juizo pende ainda.
Irado armou-se Archelocho do jambo:
Este o metro que os sóccos, e cothurnos
Adoptaram, como apto a alternas fallas,
A dominar o estrepito do povo
E natural ao tráfego da vida.
A musa á lyra deu cantar os deuses,
Os seus mimosos, o invicto Athleta,
O corcel no certame avantajado,
As solturas do vinho, o amor, e as graças.
Mas se eu discriminar não sei, nem posso
Estes matizes, e diversas cores,
Porque me hão de saudar como poeta?
E porque, com vergonha depravada,
Não curarei de corrigir meu erro?
Ledo assumpto não quer tragico verso,
Como ao festim sangrento de Thiestes
Não quadra o verso comico, e rasteiro.
Tudo tem seu logar proprio, e distincto.
Entretanto a comedia algumas vezes
A vós levanta, e assomado Chremes
Esbraveja com tumidas bochechas,
E com tom humilde o tragico prantea.
Quando Peleu, e Telepho, ambos pobres,
E desterrados ambos mover tentam
O coração do espectador, não usam
Termos sesquipedaes, e inchado estilo,
Não basta que um poema seja bello,
Cumpre que seja deleitoso, e prenda
A seu sabor o animo do ouvinte.
Ri com quem ri, e chora com quem chora
Dos homens o semblante. Se tu queres
Que eu pranteie, lastima-te primeiro;
Então me doerão teus infortunios.
Se vós, Peleu e Telepho, arengardes
Fóra do ponto, excitar-me-heis o riso,
Ou me fareis dormir. Tristes palavras
Demandam triste rosto; sérias, grave;
Ternas, ledo; assomadas, furibundo.
Dispoz-nos no interior a natureza
Para os varios aspectos da fortuna:
Alegra-nos; a ira nos compelle,
Ou tristemente nos abate, e prostra:
Permitte-nos depois que a lingua expresse
As varias commoções que o peito agitam.
Se os discursos não quadram co'a fortuna
De quem falla, peões, e cavalleiros
Soltarão estrondosas gargalhadas.
Muito importa saber quem é que falla:
Se é um Deus, se um heroe, velho avisado
Ou mancebo no ardor de floreos annos;
Ricca matrona, ou ama desvelada,
Colcho, ou Assyrio, Argolico ou Thebano.
Segue a fama; ou se inventas, sê coherente:
Se o Homerico Achilles reproduzes,
Pinta-o sanhudo, ousado, turbulento,
Despreze as leis, e tudo á espada outorgue.
Inflexivel, feroz seja Medea,
Ixion traiçoeiro, Ino chorosa,
Melancholico Orestes, Io errante.
Se novo assumpto, ou personagem nova
Á scena commetteres, até ao cabo
Seja qual começou, nem se desminta.
É difficil dar côres bem distinctas
A ignotas invenções; melhor farias
Argumento na Illiada escolhendo;
Teu o farás se não te detiveres
De um mundo vil e conhecido entorno,
Nem fiel traductor o copiares
Palavra por palavra, ou te metteres
Servil imitador em tal aperto
Que voltar para traz te não permitta
O temor de um dezar, ou a lei do escripto.
Nem comeces qual Cyclico poeta —
« Eu vou cantar de Priamo a fortuna,
« E inclita guerra » — De tamanho hiato
Que poderá sahir? Geme a montanha,
E veremos surdir mofino rato.
Quanto melhor procede este que nada
De insensato desenha — « Dize ó musa
« O varão que depois de Illião vencida,
« Cidades e usos viu de muitos povos. »
Não o verás tirar da luz fumaça,
Mas da fumaça luz — e nos enlêa
Com os prodigios que vai depois narrando,
Lylla, Antypathe, o Cyclopa, e Carybdes:
A volta de Diomedes não deriva
Da morte de Meleágro, ou a troian guerra
Dos gemmeos ovos; sempre ao desenlace
Caminha apressurado; e seus ouvintes
Por entre os incidentes arrebata,
Como se os conhecessem, despresando
Tudo o que a musa abrilhantar não póde:
E tão bem nos illude, e por tal arte
Sabe mesclar o verdadeiro e o falso,
Que o fim do meio, e o meio do principio
Não desliza, ou discrepa. O que eu e o povo
Queremos ouvi pois, se tens a peito
O espectador reter até que o panno
Desça, e o actor — vós applaudi — lhe diga.

Os costumes guardai de cada idade;
A maduro varão não quadram modas
De voluvel mancebo: o tenro infante,
Que principia a articular palavras,
E a pôr seguro pé no chão, compraz-se
De brincar co'os iguaes, presto se agasta
Ou desagasta, e muda a cada instante.
Joven imberbe, apenas do aio livre,
Ama os cães, e os corseis, folga na relva
Do marcio campo; indocil aos conselhos,
Flexivel como a cera é para os vicios:
Do util se desleixa; é presumpçoso;
Tudo apetece e quer; ama de leve,
Mas o que mais amar em breve esquece.
Mudam co'a idade as propensões, e o homem,
Ja feito, amigos, e riquezas busca;
As honras solicita, e se acautella
De fazer cousa que pezar-lhe possa.
Ao velho mil incommodos rodeiam;
Se grangêa, miserrimo não ousa
Nos haveres tocar, servir-se d'elles;
Se administra, indeciso, vagaroso,
Timido, inerte, a tudo impece e damna;
Implacavel censor da juventude,
Lastimoso, difficil, louva apenas
O seu bom tempo, ja passado. Os annos
Trazem-nos muitos bens, e outros nos tiram:
Papel de velho a um moço não commettas,
Nem ao menino o de homem: conservemos
Os characteres de uma e de outra idade.
No theatro, ou se opéra, ou narra o facto:
Menos porém o ânimo commove
O que entra pelo ouvido, que o que fere
Nossos olhos fieis, e se relata
O proprio espectador. Comtudo á scena
Não tragas o que dentro passar deve;
Melhor é que o refira habil facundia.
Não venha assassinar Medéa os filhos
Perante o povo, nem Atreu nefando
Cosinhe á vista ensanguentados membros;
Ou se converta em serpe Cadmo, e Progne
Em veloz andorinha; o que dest'arte
Se me ostentar, incredulo o detesto.....
.....

Annotações a Waldeck. — Com este titulo publicou em Coimbra o sr. Manuel Maria da Silva Bruschy um trabalho muito importante. As instituições de *Waldeck* sempre foram reputadas — o compendio mais perfeito, e exacto de todo o direito romano; não ha commentario feito, ou possivel, que não deva ter por texto aquelle compendio — ponto central d'onde podem sahir os raios de uma circumferencia mais larga do que a mesma superficie que occupou o imperio romano.

Quando appareceu o primeiro commentario ao codigo civil francez, disse Napoleão — *ils vont gâter mon ouvrage*, mas inganou-se porque a maior parte dos commentadores so teem feito augmentar o valor d'aquelle codigo, e tornado mais facil e mais util a sua applicação, assim como faz o sr. Bruschy com as suas annotações a *Waldeck*. As que ja estão publicadas pertencem ao primeiro livro, faltam ainda as annotações aos tres livros restantes. Na advertencia e no commentario ao proemio de *Waldeck*, teve e sr Bruschy particularmente em vista o Manual de Direito Romano de *Mackldey*. Sería muito para desejar que entre nós houvesse quem traduzisse (em portuguez) este excellente Manual, e se o traductor podesse annota-lo, como fez o sr. Corrêa Telles ao Tractado das Obrigações de *Pothier*, sería uma obra de muito subido preço para os nossos juizes e advogados. Vê-se que o Sr. Bruschy escreve para os seus dilectos leitores, os estudantes de direito Romano, a quem, com a sua obra, poupa muito trabalho e muitas horas de enfado. Mesmo assim é pena que o texto não acompanhe o seu commentario, o que era mais natural: e que obstaculo teria o Sr. Bruschy para o não fazer? algum privilegio universitario? é muito provavel. Por causa dos privilegios não temos nós ainda um commentario ao Codigo do Commercio, havendo pessoa muito competente, que talvez ja o tenha concluido. Quando vigorava a Reforma Judiciaria de 36 e 37 ja havia a differença entre — edição official, e não official — e este *feliz achado* matou os commentadores, que não se atreveram a *estragar o texto*; e se alguem o fez, *sem texto*, perdeu a obra e o tempo. A Novissima Reforma vai a ter melhor fortuna com a sua segunda edição official, porque hade sahir correcta, nitida, e annotada e commentada por um magistrado de alta categoria, e de mais alta capacidade. Mas para isto foi preciso auctorisação, porque sem auctorisação ninguem póde escrever por baixo do texto, talvez porque — *ils vont gâter mon ouvrage!*

Se o foro portuguez tiver a glória de contar o Sr. Bruschy entre os seus martyres — os advogados —, estou certo, que elle, depois de haver trocado a batina, a capa e o gorro (que feliz tempo!) por dois annos, ou menos, de jurisprudencia prática, hade fazer, e deve fazer, uma nova edição das suas laboriosissimas Annotações, com o texto, e com algumas correcções, e ampliações, que não será necessario indicar-lhe; e n'esse caso a sua obra hade ser de uma vantagem e utilidade reconhecida, não so nos bancos da universidade mas em todo o Portugal, e fóra d'elle.

Quando se publicar o resto das Annotações concluirei este artigo.

Lisboa 20 de novembro de 1845.

Silva Abranches.

VARIEDADES.

O MEZ DE DEZEMBRO.

299 Não é grande signo o d'este mez. Deu-se-lhe o nome de *capricornio*, dizem que por ser este o animal mais trepador, saltitão e encarapitado que se conhece; em allusão ao sol que n'este mez sobe até ao tropico formando o solsticio d'inverno. O nosso astrologo não sympathisava com este signo: eu desconfio que elle nascêra sob a sua influencia... Aqui está o que diz d'elle:

Quem nascer sob este signo
Não terá viver jucundo.
Zéla, receia, é escravo
Das ratices d'este mundo...

Bem se deixa ver, apesar de todo o disfarce, que o bom do astrologo tem la suas idêas socialistas, boas ou más como outras quesquer.

Dezembro tem 31 dias. A sua lua principiou em 31 d'outubro e acabou em 29 de novembro. Os dias diminuem 4 minutos de manhan, e 4 minutos de tarde. O seu maior dia é o 1.º que tem 9 horas e 34 minutos. No dia 1 nasce o sol ás 7 horas e 13 minutos e põe-se ás 4 horas e 47 minutos, e no dia 31 nasce ás 7 horas e 17 minutos e põe-se ás 4 horas e 43 minutos.

Este mez é o que tem os mais pequenos dias do anno. Tomam-se nos campos todas as prevenções para o inverno, abrindo vallas, concertando tapumes, reparando choças etc. Começam os frios. Muitos annos, no nosso clima, goza-se de lindos dias, atmosphera pura,

sol brilhante. Plantam-se árvores, fazem-se enxertos; preparam-se os jardins etc.

Os gregos apenas n'este mez festejavam a Neptuno, cujo nome lhe deram. Aos romanos não acontecia porém assim; passavam quasi todo este mez em festas de grande movimento, talvez para não sentirem o frio. Celebravam as *faunaes*, as *agonaes*, as *consuaes*, as *saturnaes*, a *sopalias*, em honra da deusa Ops (ou a Cybele), as *sigillarias* que duravam dois dias, as *augeronaes*, em honra d'Augerona, deusa do silencio, cuja estatua estava no templo de Volupia.... muito logica era a mythologia romana! Vacuna, que era a deusa dos passaros, tinha tambem a sua festa; até a ama de Romulo e Remo possuia tambem a sua commemoração! e Caligula não satisfeito com as saturnaes ajunctou-lhe ainda as *juvenaes*, que eram o regabofe da gente moça. Se eu tivesse nascido romano d'esse tempo, não tinha, decerto, visto o fogo do Sr. José Osti, nem os balões do Sr. Serrate, mas havia-me divertir muito, e não dava agora d'éstas maçadas ao leitor.

EPHEMERIDES

1, acclamação d'elrei D. João IV (1640) — 8, creação da academia-real d'historia-portugueza (1720) — 12, tomou D. Philipe II de Castella posse de Portugal (1580) — 25, descobrimento da terra *Natal* por Vasco da Gama (1497).

CORREIO NACIONAL.

300 Hontem (25) entraram no porto de Lisboa o Duque de Saxe Coburgo-Gotha (Pai d'ElRei) e seu Filho o Principe Leopoldo. Sua Alteza Real foi comprimentado abordo por seu Augusto Filho e desembarcou em Belem, onde se achava postada uma parte da guarnição da capital destinada a fazer-lhe as honras militares. Os Augustos Hospedes foram residir para o palacete do 'pateo das vaccas' que d'ante mão lhes estava destinado e que communica com o palacio de Belem.

Começou a publicar-se em Angola um jornal com o titulo de 'Boletim do Govêrno-geral da provincia d'Angola.' O estabelocimento de uma imprensa n'aquelle paiz, e a introducção do jornalismo, devem ahi proproduzir incalculaveis bens á prosperidade d'elle, se a má direcção não invenenar esse alimento da intelligencia, primeiro phanal da civilisação.

Sexta-feira (27), ou no domingo proximo, hade dar-se no Theatro de San'Carlos a 1.ª representação de *D. Pasquale*, comedia-lyrica de Donizetti, que tem merecido os maiores applausos em todos os theatros onde se tem cantado. Ja se vê que o reportorio do nosso theatro-italiano não poderia ser melhor escolhido nem variado. Em pouco mais de um mez, teremos ouvido quatro operas, sendo duas novas. A actividade e a boa-direcção são as melhores garantias de uma empresa, para ella mesma e para o público. Tambem na Segunda-feira, 1.º de dezembro se darão dois *passos* novos, um a dois — chamado o *passo da ro* — e outro a quatro: e proximamente teremos uma dança mimica.

O methodo de curar pela homeopathia acha-se introduzido na cidade do Porto pelo Dr. Luné chegado do Brazil, onde exerceu este mesmo genero de medicina.

Por carta-regia de 20 do corrente, foi nomeada a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, Protectora dos Institutos das Irmans-da-Caridade de Lisboa e Porto. A piedade da Augusta Protectora será sem dúvida efficaz para augmento da instituição das virtuosas filhas de San'Vicente de Paula, o eloquente apostolo da caridade, que se a igreja venera como Sancto o mundo deve respeitar como heroe.

Parece que os socios das duas sociedades philarmonicas de Lisboa — Academia e Assembléa — estão de accôrdo na união d'estas duas sociedades no mesmo edificio e com estatutos communs. A este projecto ser levado a effeito, deverá construir-se um edificio especialmente destinado a éstas reuniões. Um ânimo generoso, cujo amor e gosto pelas Bellas-Artes é reconhecido por todos, offerece-se ao adiantamento do capital necessario. O nome e a elevada gerarchia da pessoa a que nos referimos, dão grande garantia á boa execução d'este projecto. A ser tambem verdade o que se diz, o edificio que se construir no caso de dissolução da sociedade, ficará pertencendo a um estabelecimento-pio. Ja se vê que a philantropia é ainda outra excellente qualidade d'esta nobre idêa.

Segundo nos escreve a Sr.ª Fortunata Levi, não se realisou a sua escriptura no Theatro do Salitre, por algum desaccôrdo nas condições; o que na verdade é para sentir por amor do theatro e da propria artista.

A Sr.ª Maria Jesé dos Santos, actriz do Theatro do Salitre foi effectivamente escripturada para o Theatro da Rua-dos-Condes. Ésta artista é discipula do Conservatorio-Real, e de bastante habilidade.

O beneficio do Asylo-da-mendicidade, dado no 'Circo Laribeau' a 8 do corrente, produziu liquido 123$240 réis.

Uma proposta de summa vantagem para o nosso paiz foi feita ao chefe dos correios nos Estados-Unidos, a ser verdade o que se le n'um jornal d'aquelle paiz. Segundo ésta proposta toda a correspondencia dos Estados-Unidos com a Europa se fará por intermedio de Lisboa. Os proponentes argumentam tambem com a idea que vigora d'estabelecer um carril-de-ferro de Lisboa ao centro da Europa, por onde as procedencias da America poderiam ser conduzidas aos seus destinos do interior. O commercio tiraria de tudo isto tamanha vantagem, que valia bem que o nosso govêrno empregasse todas as diligencias (ainda mesmo pecuniarias, se tanto fosse necessario) para alcançar a adopção d'esta proposta, que ao que parece depende unicamente da repartição do correio dos Estados-Unidos, que foi auctorisada pelo parlamento a empregar vapores na correspondencia europea como melhor lhe parecesse.